

O ENSINO DA UTILIZAÇÃO DE IMAGENS PELOS PROFESSORES DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

Adriano Cecatto¹

RESUMO

A utilização de imagens como fonte de ensino na disciplina História tem exigido tratamento metodológico que contemple as especificidades dessa categoria documental. Na medida em que a historiografia se apropriou das discussões da *Escola dos Annales*, multiplicando os objetos de pesquisa, as imagens passaram a fazer parte tanto da pesquisa como para o ensino. O objeto de estudo foi o ensino da utilização de imagens na formação de professores de História. Como demarcação espacial e temporal, envolveu a Universidade Federal do Ceará (UFC) no segundo semestre do ano de 2012. O objetivo foi investigar como os professores das disciplinas de ensino do curso de História da UFC ensinam a utilização de imagens. Consideramos a pesquisa de investigação qualitativa, de caráter documental, e como técnica de coleta de dados optamos pela entrevista semi-estruturada realizada com docentes e a observação não participante. Como fundamentação teórica, destacamos: Bittencourt (2009), Bogdan e Biklen (1994), Burke (1997; 2004), Fonseca (2006), Nadai (1993), Nóvoa (1995), Paiva (2006), Pesavento (2003; 2008), Pimenta e Lima (2008), Silva e Ferreira (2011), Tradif (2008). Como documentos, utilizamos as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de História (DCN's), os Projetos Pedagógicos, as entrevistas e as observações não participante. Investigando as disciplinas de ensino de História constatou-se que os entrevistados utilizam pouco as imagens, priorizando o texto; os professores não tiveram formação para trabalhar com imagens como fonte de ensino, mas foram adquirindo os saberes a partir das necessidades profissionais; os docentes reconhecem a resistência dos estudantes em relação às disciplinas de ensino de História; reconhecem a necessidade de utilizar mais as imagens e de propiciar espaços de formação para a utilização desse tipo de documento.

Palavras-chave: Imagem. Ensino de História. Formação Docente.

¹Graduado em História (UFPR) e Teologia (PUC-PR), especialista em Metodologias do Ensino de História (UECE) e mestre em Educação (UECE). *E-mail:* adriano.cecatto@aluno.uece.br

Introdução

A formação de professores de História para a utilização de imagens perpassa pelas discussões em torno das mudanças historiográficas, com a ampliação dos objetos, das abordagens e dos problemas advindo das discussões da terceira geração dos *Annales*. Pode-se notar que a imagem vem sendo utilizada com maior frequência pelos historiadores nas pesquisas e no seu ensino. Os cursos de História orientam-se à partir de alguns documentos como as Diretrizes Curriculares para os cursos de História e os Projetos Pedagógicos, que propõem a utilização de novas linguagens/fontes no ensino dessa disciplina para a formação de professores.

Considerando o conceito de formação docente de Maurice Tardif (2008), os cursos universitários não são únicos espaços de formação, mas são essenciais para aquisição dos saberes pedagógicos, por que os professores constituem a profissão ao longo das experiências pessoais e profissionais que permitem a apropriação de saberes que podem ser mobilizados à partir de necessidades e contextos específicos.

Nossa escrita está dividida da seguinte forma: primeiro conceituaremos a imagem e sua relação com o ensino de História; em seguida, abordaremos como ocorre o ensino do uso de imagens pelos professores do curso de História da Universidade Federal do Ceará.

Imagem e ensino de História

Em nosso século, as imagens ocupam lugar exponencial, perpassando pela sociedade e adentrando os espaços educacionais. Consoante Circe Bittencourt (2009: 360), o uso de imagens para fins de pesquisa e ensino tem se destacado e ao mesmo tempo exigido dos professores tratamento metodológico adequado a fim de que sua utilização não se limite ao aspecto ilustrativo para chamar a atenção dos estudantes (AUMONT, 1993; BARBOSA, 2009; BORGES, 2003; CHARTIER, 1993; JOLY, 1996; KORNIS, 1992; NAPOLITANO, 2006; PAIVA, 2006; PESAVENTO, 2008; SANTAELLA e NÖTH, 2008).

A disciplina História está repleta de imagens que podem vir a ser instrumentos pedagógicos. Com a trajetória do ensino de História em nosso país, as imagens têm contribuído para a formação da nacionalidade, com culto à heróis e figuras públicas no decorrer dos séculos XIX e XX. No Brasil, o ensino contribuiu para a constituição da nação e de sua política por meio do uso de iconografias para fins educacionais. Quando nos referimos ao conceito de imagem, consideramos as fixas e em movimento. Estas últimas são mais recentes em certamente mais utilizadas em sala de aula.

A relação entre imagem e História ganhou relevância com a História Cultural, na década de 1980, influenciando mudanças no próprio ensino dessa disciplina. Desse modo, torna-se importante utilizar imagens no ensino de História por constituir-se linguagem portadora de significado, informações e representação da realidade.

No entanto, a utilização de iconografias requer compreender o contexto de produção, as intencionalidades de quem a produziu, a fim de utilizá-la como fonte de pesquisa e ensino, para não cometer anacronismos, e assim, ultrapassar os aspectos ilustrativos. Nesse sentido, independente da imagem que nos é apresentada, saber elaborar a leitura do material visual considerando as especificidades das imagens, permitirá ampliar a capacidade informativa. Esta não exclui a linguagem escrita e viva, pois ambas se complementam, compartilham e trocam mensagens e significados.

Consoante Peter Burke (2004), as imagens são evidências para a História, resquícios do passado que se encontram no presente. Esse pensamento contrapõe-se à ideia de “pureza” obtida nas fontes e defende o uso de imagens juntamente com outros documentos. Paiva (2006, p.19), relata que as imagens como fontes na pesquisa em História tem instigado novas reflexões metodológicas. Schmidt e Cainelli (2004: 93) tratam a imagem como documento histórico a ser utilizado em sala de aula, por que “[...] tornou-se uma forma de o professor motivar o aluno para o conhecimento histórico, de estimular suas lembranças e referências sobre o passado e, dessa maneira, tornar o ensino menos livresco e dinâmico”. Os docentes ao estimularem seus estudantes com a utilização de documentos, reconhecem ser instrumento didático por

que pode possibilitar “tirar o aluno da passividade e reduziria a distância de sua experiência e seu mundo de outros mundos e outras experiências descritas no discurso didático” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004: 93)

O uso de fontes históricas em sala de aula pode contribuir para introduzir os estudantes ao pensamento histórico, ao exercício inicial de métodos utilizados pelos historiadores (BITTENCOURT, 2009). Por sua vez, se faz necessário diferenciar o uso para pesquisa e para ensino, por que a intenção não é formar estudantes da educação básica para serem historiadores. Segundo Bittencourt (2009: 329): “O professor traça objetivos que não visam à produção de um texto historiográfico inédito ou a uma interpretação renovada de antigos acontecimentos, com o uso de novas fontes”. Assim, propõe que os documentos podem ser utilizados como recursos didáticos: retratando uma situação histórica, reforçando determinadas ações de tempos e pessoas, servindo para introduzir temas de estudos:

Para que o documento se transforme em material didático significativo e facilitador da compreensão dos acontecimentos vividos por diferentes sujeitos em diferentes situações, é importante haver sensibilidade ao sentido que lhe conferimos enquanto registro do passado. Nessa condição, convém os alunos perceberem que tais registros e marcas do passado são os mais diversos e encontram-se por toda a parte: em livros, revistas, quadros, músicas, filmes e fotografias (BITTENCOURT, 2009: 331).

Nessa perspectiva, a imagem pode ser compreendida como documento e material didático no ensino de História, e sua utilização justifica-se pelo desenvolvimento do conhecimento histórico. Esses materiais devem expressar comunicação e serem analisados de acordo com as especificidades de linguagem, e que levem em conta a articulação entre os métodos dos historiadores e os pedagógicos: “Como recursos didáticos, distinguem-se três tipos de documentos: escritos, materiais (objetos de arte ou do cotidiano, construções...) e visuais ou audiovisuais (imagens fixas ou em movimento, gráficas, musicais)” (BITTENCOURT, 2009: 333). Se tratando do ensino do uso da imagem na formação de professores de História, deverá existir tanto a preocupação em tratar esse material como fonte e material didático, a considerar os objetivos de formação de professores historiadores.

Descrevemos a relação entre imagem e o ensino de História, destacando a importância de sua utilização no ensino, principalmente na formação de professores com a orientação dos documentos do curso de História. Reconhecemos as potencialidades do uso de imagens, e acreditamos que precisa perpassar pela formação de professores, pela prática dos docentes formadores, por meio das disciplinas de ensino de História.

O ensino do uso de imagens

Como caminho metodológico utilizamos a investigação qualitativa, que segundo Bogdan e Biklen (1994: 48-49), “os investigadores qualitativo assumem que o comportamento é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre, deslocando-se, sempre que possível, ao local de estudo”. Podemos justificar esse modelo investigativo pelo fato de exigir do pesquisador o contato direto com o objeto e a necessidade de perceber que o mundo precisa ser examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo o que ocorre nos contextos precisam ser levado em consideração.

Para verificarmos o ensino do uso de imagens pelos professores da Universidade Federal do Ceará, realizamos entrevistas semiestruturadas, análise documental e observação não participante. Com o intuito de preservar a identidade dos entrevistados, utilizamos a nomenclatura numeral cardinal 01 e 02 para referir-se aos docentes. Foram entrevistados dois professores que lecionavam disciplinas de ensino de História para verificar como ocorre o ensino do uso de imagens na formação de professores, considerando duas categorias: utilização de imagens e formação docente. Quanto à primeira categoria, solicitamos que relatassem como utilizaram metodologicamente imagens em sala de aula, os critérios para a escolha das imagens, os referenciais teóricos que orientam o trabalho e a importância para o ensino de História. Com a segunda categoria, os docentes relataram como correu a formação para trabalhar, ensinar o uso de imagens. As disciplinas escolhidas justifica-se pelo fato do ensino de novas fontes/linguagens está previsto nas DCN's para a formação de professores e essas disciplinas foram ministradas no curso de História no segundo semestre de 2012. A

escolha da instituição se deve ao seu referencial no estado do Ceará consoante à formação de professores de História.

A formação para o ensino do uso de imagens não ocorreu na graduação e na pós-graduação para o professor 02. Já para o professor 01, como sua formação inicial foi em Comunicação Social, obteve formação nessa área. Mas uma das problemáticas relatadas pelos docentes, referente à formação de professores de História, é a priorização da pesquisa em detrimento do ensino dessa disciplina:

Nunca tinha dado aula de História e tive de reunir os conhecimentos na área de Teoria e articular com o campo da Prática que é o que acontece com a maior parte dos que atuam nessas áreas de Prática de Ensino. A gente na real é formado para ser pesquisador, essa articulação com o campo de ensino é muito frágil ainda nos cursos graduação de História e os cursos de Pós-Graduação de História é uma realidade (DOCENTE 01).

Conforme o docente 02, no decorrer da graduação, apesar de ter sido curso de licenciatura, pouco se discutiu o ensino de História, de modo que se destacou a pesquisa. Segundo esse docente, o ensino de História “[...] foi sendo construído ao longo do tempo, mas quando na graduação isso não era uma pauta constante, era a pesquisa, e eu tinha bolsa de pesquisa”.

Nesse sentido, a graduação praticamente não lhes forneceu formação para o trabalho com imagens e outras fontes de ensino, mas as necessidades da prática da profissão propiciaram o aprendizado. O uso de fontes no ensino de História perpassa pelas orientações prescritas nas Diretrizes Curriculares Nacionais, vinculado-se às características e problemática da disciplina. Sejam imagens fixas ou em movimento, são utilizadas pelos docentes na perspectiva de fonte histórica, na pesquisa em História. Consoante Circe Bittencourt (2009: 329):

Ao usar um documento transformado em fonte de pesquisa, o historiador parte, portanto, de referenciais e de objetivos muito diferentes aos de uma situação de sala de aula. As diferenças são marcantes, e disso decorrem os cuidados que o professor precisa para transformar documentos em materiais didáticos.

O curso de História é espaço de formação do professor historiador, e precisa orientar a utilização das fontes históricas em sala de aula também como linguagem de ensino, por que os objetivos das aulas na educação básica “[...] não visam à produção de

um texto historiográfico inédito ou uma interpretação renovada de antigos acontecimentos, com o uso de novas fontes (BITTENCOURT, 2009: 329). Nesse sentido, é preciso demandar certos cuidados ao introduzir o material didático, considerando as condições dos estudantes e seu nível de escolarização. É certo que os estudantes de graduação necessitam trabalhar com fontes históricas, pois é o ofício do historiador, no entanto, seu uso no ensino necessita pensar os espaços de atuação dos futuros professores.

No uso de imagens pelo professor 01, basicamente pode-se citar os filmes, escolhidos a partir das temáticas da disciplina para trabalhar os conceitos. Como critério para a leitura da imagem fílmica, apontou: “Eu acho que primeiro situá-lo como produção, não esquecer que como disciplina do tempo, a temática mobiliza, mas em que período esse filme é produzido, quais os sentidos que mobilizam a sua produção”. Já o docente 02 destacou aspectos a serem considerados para a análise fílmica: a temática, o produtor, o filme como produto, representação da realidade, especificidades do filme, quando foi criado, quem criou, por onde circulou e quais leituras podem ser realizadas, fazendo relação com situações da realidade. A imagem é concebida como fonte:

[...] porque eu não me sinto confortável de fazer análise fílmica, linguagem cinematográfica, porque não é de fato a minha praia. Mas como é possível ver esse filme como um produto histórico, como essas discussões se relacionam com as disputas de memórias presentes na sociedade em torno de determinado tema. Então é a forma onde eu me sinto mais tranqüila para realizar essa utilização (DOCENTE 01).

O filme pode ser considerado um agente histórico quando interfere na realidade, repensando o passado a partir de necessidades do tempo presente. Segundo Ferreira e Franco (2009: 129): “Sua utilização como recurso didático pressupõem um exercício crítico, no qual professores e alunos deverão tornar-se aptos a ler”.

Nossa proposta de observação contemplava quatro aulas, no entanto, devido à greve da universidade, o planejamento adentrou o ano de 2013, contribuindo para diminuir ainda mais a utilização de imagens. Nesse caso, com o docente 01, observamos 50% das aulas, que incluiu o trabalho com um filme. Os estudantes já haviam estudado os textos, e o filme (*Narradores de Javê*) serviria para realizar o fechamento das discussões da disciplina. Assim, o professor 01 iniciou a aula destacando que o objetivo

do filme seria para retomar algumas discussões relativas aos textos. Analisou o filme com os estudantes a partir dos seguintes conceitos: memória, identidade, pertencimento, poder e escrita da História. Introduziu o contexto do filme com informações sobre o diretor, os elementos que o compunham, porém, não se estabeleceu relação com o ensino de História. Essa relação com o ensino não ocorreu. Percebemos que os estudantes participaram, descrevendo e relacionando os conceitos propostos, porém, a discussão permaneceu no âmbito da temática do filme, dos conceitos e suas possíveis relações.

O docente 02 disse utilizar a imagem fotográfica com maior frequência, por não se sentir a vontade para trabalhar com cinema. Deixou claro que seu relato estaria focado em cima do que mais utiliza. Segundo esse docente:

Os meus temas de estudo tem propiciado o uso da fotografia. Por exemplo, a seca é mais fotografia, sobretudo o período que eu estudo. Não é que não exista toda uma produção fílmica sobre a seca, porque tem. Tanto é que a mesma produção fílmica sobre a seca é muito baseada na literatura, são adaptações literárias, em muitos casos, enfim, eu uso mais a fotografia (DOCNETE 02).

A principal preocupação do professor 02 esteve em levar os estudantes a visualizar todos os elementos que compõe a fotografia a fim de relacionar a imagem e seus elementos com o tempo histórico em que foi produzida. É exercício coletivo, e o primeiro passo é a contextualização histórica, que segundo o docente 02:

Aí eles começam a enxergar muitas outras coisas que não haviam enxergado antes. De constituir essa relação fora, que é isso que eu estou dizendo, tem que olhar para a foto, ver essa dimensão mesmo semiótica, o plano de fundo, a distância em que se dá, como é que você alarga uma rua numa fotografia, quer dizer, a fotografia é uma produção, uma produção de ideias, de sentido. Ela não é a verdade, ela é a verdade da fotografia, e qual é a verdade da fotografia? É que ela é uma produção de sentido.

Após a contextualização histórica, o professor 02 relatou ter proposto fazer relações com a própria estética da imagem, pois “[...] alarga muito mais as possibilidades do olhar para a fotografia. Ai eu entendo que tudo isso compõem aquilo que é a verdade da foto, não é que ela seja uma verdade em si, ela é uma verdade na forma”. Afirmou que os critérios de escolha das imagens perpassaram pelas temáticas. Nesse sentido, o tema indicaria o tipo de imagem que deve selecionar, pois precisa ter

articulação. E entre os critérios para a leitura de imagens citou a importância do “olhar”, seguido de sua historicização: “[...] se você sabe um pouco a historinha da imagem, no caso da fotografia, cinema também, nenhuma das duas é a verdade. As duas estão construindo representações, ou estão construindo sentidos para determinada situação ou para determinada ideia” (DOCENTE 02). Para a docente 02, o ato de olhar é fundamental:

[...] antes de mais nada tem que olhar. Eu noto que às vezes os alunos, quando eles trazem, eles trazem mais a história da foto, a história do momento em que a foto foi produzida, se preocupam tanto com a história em que a foto foi produzida e acabam não olhando para a foto. O exercício do olhar não têm. Isso acaba ficando diminuído, e não é isso. Aquilo que está fora tem que ajudar a enxergar mais, então um olhar é fundamental.

Sobre a educação do olhar, Ribeiro (2004: 19) faz discussão e vê a necessidade do estudo das “[...] potencialidades das imagens e a sua utilização na diversidade dos processos comunicacionais, procedendo à alfabetização visual de modo a tornar o indivíduo lúcido e crítico das mensagens visuais [...]”. No decorrer da entrevista, o docente 02 enfatizou a necessidade de levar os estudantes a “ver” as imagens e todos os elementos que a compõe. O ato de ver, de contemplar, está sendo secundário para as novas gerações, talvez muito em função das facilidades tecnológicas contemporâneas. Segundo Ribeiro (2004: 31), para a leitura da imagens:

Podemos ainda identificar alguns elementos da fotografia condicionados pelo acto fotográfico, que testemunham atitudes perante esse acto: pose, expressões corporais, olhares (atitudes profílmicas no cinema e no vídeo); elementos simbólicos introduzidos pela presença de objetos fotografados ou sublinhados/ acentuados pela fotografia; elementos de sintaxe da imagem – composição mais ou menos ligada ao fotogenismo e à estética.

As aulas do docente 02 com uso de fotografias não foram realizadas. Em parte, a greve contribuiu para o atraso do calendário acadêmico, que veio a interferir no cronograma do docente e no calendário da pesquisa. Considerando que o professor não havia entrado em contato para que pudessemos assistir as aulas, fomos até a universidade no início de 2013, quando relatou que não utilizou. Mas um grupo de estudantes organizaram um trabalho com uso de fotografias sob sua orientação. Como o

seminário foi apresentado pelos estudantes, o docente se esqueceu de avisar para que pudéssemos observar.

Relatando sobre a especificidade do uso de imagens no ensino História, o docente 01 acredita que pode perpassar as diferentes áreas, cabendo aos professores tratar a historicidade das imagens: “[...] o que elas guardam de informação sobre determinado período, quais são as perguntas possíveis de fazer sobre determinado período a partir daquela fonte”. Relatou ser importante trabalhar as imagens postas nos livros didáticos, principalmente as pinturas históricas, as canônicas, como *O Descobrimento do Brasil*: “[...] ai a gente lança questões sobre esse cruzamento de temporalidades e interesses e sentidos para determinadas pinturas: Quem encomendou? Por que foi pintada daquela forma? Quais são os sujeitos que estão ali naquela cena? Então o olhar é distinto” (DOCENTE 01). Quanto aos referenciais teóricos que orientaram seu trabalho, destacou: Jörn Rüsen, Selma Guimarães Fonseca, Maria Auxiliadora Schmidt, Marc Ferro, Marcos Napolitano.

Para o docente 02, pode ser considerado como uma das especificidades do uso de imagens na História a historicização das fontes, procedimento que não poderia faltar em nenhuma das ciências. É necessário ter o compromisso de pensar as imagens a partir do tempo e do espaço, contextualizando. Entre os teóricos que subsidiam seu trabalho, constam: Theodor W. Adorno, Roland Barthes, Roger Chartier e Manuel Luis Salgado. Os teóricos mencionados situam-se no âmbito da pesquisa, não contendo necessariamente relação com o ensino. Para o professor é necessário ir além dos manuais de ensino de História, que

[...] às vezes acabam limitando as possibilidades [...] Gosto mais desses que me ajudam a pensar com maior profundidade. Eu acho que isso dá uma segurança maior, isso eu digo para os alunos, quando a gente aprofunda qualquer coisa que a gente vai fazer a gente tem segurança inclusive para fazer diferente do que está acontecendo e proposto de uma forma muito limitada (DOCENTE 02).

O professor 01 relatou que o uso de imagens torna-se importante por que as aulas são espaços em que o público pode se reconhecer, estabelecendo relação entre presente e passado. Dessa maneira, a utilização de imagens “[...] é uma forma não só de tornar mais interessante as aulas, mas de fazer eles perceberem que o trabalho do

historiador não é um trabalho só com documento escrito, empoeirado, despedaçado do arquivo, mas ele pode ser realizado a partir de diversas fontes, incluindo a imagem” (DOCENTE 01). Como vivemos hoje num mundo marcado pelas imagens, pelo audiovisual, acredita que os estudantes nem sempre estão preparados para leitura das fontes imagéticas. Para o professor 01:

O trabalho com a imagem proporciona um estranhamento para os estudantes, e é muito necessário estranhamento para os estudantes em relação à realidade em que a gente vive, como é a forma de leitura mais utilizada pelas pessoas hoje para compreensão do contato que acontece no mundo. E acho que o ensino de História entra como forma de problematizar essa leitura do mundo dando esse suporte crítico, esse instrumental crítico para ele, para o aluno. Eu acho que é a principal função. Talvez isso diferencie a imagem como fonte em termos de atratividade com relação ao documento escrito, a cultura material.

O docente 02 descreveu ser fundamental o trabalho com fontes imagéticas, por que cada vez mais se vive no mundo marcado por imagens na contemporaneidade: “[...] então é um desafio muito grande, você tem que, não tem mais jeito, é preciso enfrentar a imagem como uma definidora de sentido do que nós somos, nós somos pura imagem, não somos outra coisa mais”. Para esse professor, o comportamento de fotografar o “tempo todo”, de produzir cada vez mais e mais rápido as imagens é uma prova dessas mudanças.

O tempo inteiro nós somos imagens, então é um desafio grande e tem que entender melhor disso, tem que usar. Se para entender o séc. XIX é fundamental a literatura, para entender o séc. XX e o séc. XXI é o cinema, tem que entender o séc. XXI das várias mídias que produzem imagem [...] (DOCENTE 02).

Quanto à formação para o ensino do uso com imagens, para o docente 01, essa prática ocorreu no curso de Comunicação Social. Para esse docente, a formação em relação ao próprio ensino de História e a imagem, teve significativo distanciamento. “Não sei se você já percebeu isso, mas as pessoas são formadas eminentemente para serem pesquisadoras cada vez mais em temas mais restritos.” Em seu relato, pontuou que não teve muita experiência com a formação docente e uso de imagem, por sua vez:

[...] uma coisa que me ajuda bastante é a minha formação em Comunicação Social, porque essas discussões todas em torno da imagem, e não só da

imagem, mas das produções midiáticas, por exemplo, me ajudam muito em sala de aula. Eu acho que acumulam, me dão outras perspectivas para o trabalho com imagem, com cinema, com fotografia, com imprensa. Me dão outros elementos que os historiadores não têm. Muito recentemente é que esse debate com a imagem ele vem se dando, é bem recente (DOCENTE 03, UFC).

Podemos notar que o aprendizado ocorreu durante a graduação em Comunicação Social, na perspectiva do enfoque dos estudos da semiologia que contribuiu para o trabalho desenvolvido em sala de aula. Relatou o trabalho desenvolvido com os meios de comunicação e os processos midiáticos, que foi uma necessidade: “[...] é um processo que faz a gente perder resistências ou medo da mídia, por exemplo, eu acho que ainda muitos historiadores têm. Muito formados naquela concepção de que os meios de comunicação são sempre ruins, degradantes e alienantes” (DOCENTE 01). Em seus relatos destacou que sua formação é mais aberta na relação com a mídia. Acredita que no desenvolvimento do trabalho com os estudantes é importante utilizar imagens para fazer a apropriação do conceito de Memória, central da disciplina que ministra. Acredita que todos os docentes sabem da importância do uso de tecnologias, com novas fontes de ensino, mas

[...] acho que a gente ainda é muito mal formado para trabalhar com essas coisas exigidas que nós sabemos que são necessárias e que isso tem que ser cada vez mais enfatizado. A gente tem que se arriscar, sair dos lugares de conforto para tentar proporcionar isso para os alunos, porque eu tenho um amigo que diz assim “como é que eu vou cobrar a utilização de novas tecnologias pelos meus alunos se nem eu sei ligar um *Data Show* ou se eu não compreendo, por exemplo, como funciona uma rede social, se eu tenho medo e eu me tranco? Como é que eu vou fazer essas coisas se eu não me arrisco? Eu acho que falta um pouco a gente se arriscar, para que essa formação seja mais condizentes com demandas do presente (DOCENTE 01).

O pensamento expressado pelo professor 01 remete à prática dos pares, por que a universidade como espaço formal de formação de professores necessita ensinar o uso das novas fontes/linguagens. Salientou que a graduação não está formando como deveria para o uso de imagens e outras fontes ligadas à tecnologia, à mídia. O docente expressou ser contraditório cobrar dos estudantes o que não se ensina, e nesse caso, os docentes devem propiciar o aprendizado mobilizando os saberes, de modo particular os saberes pedagógicos. O saber ensinar requer competências, que os professores

assimilem “uma tradição pedagógica transformada em hábitos, rotinas e truques de ofício [...]” (TARDIF, 2008: 210).

Segundo o professor 02, durante a graduação ou mesmo na pós-graduação, a formação não existiu, e essa necessidade de aprender utilizar imagens surgiu a partir de uma necessidade profissional: “[...] havia um arquivo bom de fotografia sobre a seca. Eu tive que entender disso, então eu fui entender a fonte e, obviamente ao entender a fonte, tive que pensar no uso disso no ensino. Obviamente eu fui fazendo as adaptações e lendo outras coisas, mas isso foi da pesquisa” (DOCENTE 02). Dessa forma, acredita ter a obrigação de entender e discutir com os estudantes, já que é fundamental para o ensino de História a utilização dessa categoria de fonte.

Reconheceu que o cinema é uma fonte de preferência entre os estudantes, e que o cinema possui uma carga de sentido no tempo presente. Acredita ser fundamental discutir essa temática, por que os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais orientam a utilização de outras fontes de ensino, inclusive imagens, “[...] mas a formação dos professores ainda é muito precária para fazerem isso” (DOCENTE 02). No contexto de educação básica, o trabalho com filme é muitas vezes espaço de fuga da aula, como se fosse um desvio da reflexão, algo descontextualizado da aula.

A dimensão da pesquisa acaba sendo característica enfatizada no ensino de História. Os professores afirmaram ter utilizado cinema e fotografia, no entanto, as reflexões e encaminhamentos pouco contemplam o ensino. Nos relatos dos docentes perpassou a necessidade de formar os estudantes para utilizar imagens em função da realidade de mundo que estamos imersos, uma realidade palpável entre as gerações do século XXI. O primeiro passo é o reconhecimento da falta de formação e se colocar em processo de constituir conhecimento a fim de tornar a prática coerente com as propostas do curso em relação à utilização de fontes imagéticas na formação de professores.

Considerações

O ensino do uso de imagens é prática necessária para a formação de professores de História, considerando as orientações prescritas nas Diretrizes Curriculares Nacionais e no próprio Projeto Político Pedagógico do curso.

Reconhecemos a necessidade de a disciplina História adentrar outras áreas epistemológicas para constituir e ampliar o arcabouço teórico que permita instrumentalizar os docentes para o trabalho com imagens.

Constatamos que os docentes consideraram elementos importantes para desenvolver a leitura de imagens. O docente 01 utilizou-se de filmes e o docente 02, de fotografias. Relataram haver resistências para utilizar essa fonte de ensino; prioriza-se a utilização de textos e o uso de diferentes linguagens/fontes é reduzido; os estudantes apresentam resistência e desinteresse pelas disciplinas de ensino de História, valorizando mais a pesquisa e as disciplinas específicas do curso; o professor 01 encaminhou o trabalho com imagens considerando os conceitos da disciplina, porém não relacionou com o ensino; o professor 02 relatou utilizar fotografias, mas em função da greve da universidade, que ocorreu em 2012, praticamente não utilizou imagens; de modo geral há o apego dos docentes aos textos e pouca utilização de imagens; os docentes não tiveram formação na graduação ou pós-graduação para ensinar com imagens, a não ser o docente 01 que fez a graduação em outra área; detectou-se na fala dos entrevistados a dissociação entre ensino e pesquisa.

É certo que os resultados não podem ser generalizados, no entanto, essa pesquisa pode contribuir de alerta e orientação para a formação de professores de História. Se as disciplinas priorizam textos, não considerando as novas linguagens/fontes de ensino, há grandes possibilidades de que tal prática seja reproduzida. Os docentes reconhecem a necessidade de formação dos estudantes para o trabalho com imagens, portanto, se a sala de aula não está suprindo essas necessidades, é preciso promover outros espaços de estudos com o intuito de sanar esse aspecto da formação.

Referências:

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993, 317p.

BARBOSA, Andréa. Significados e sentidos em textos e imagens. In: BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar T.; HIKIJI, Rose S. G. (orgs.). **Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos**. Campinas, SP: Papirus, 2009, p.71-84.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009, 408p.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994, 336 p.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003, 136p.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem.** Bauru, SP: EDUSC, 2004, 264p.

_____. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997, 154p.

CHARTIER, Roger. Imagens. In: BURGUIÈRE, André (org.). **Dicionário das Ciências Históricas.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993, p.405-408.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo História: reflexão e ensino.** São Paulo: Editorado Brasil, 2009, 143p.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. **História & ensino de História.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 119p.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Campinas, SP: Papyrus, 1996, 152p.

KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um embate metodológico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p.237-250.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectivas. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: ANPUH, v.13, n. 25/26, p.143-162, 1993.

NAPOLITANO, Marcos. **A História depois do papel: os historiadores e as fontes audiovisuais e musicais.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2006, p.235-289.

NÓVOA, António. O passado e o presente. In: NÓVOA, António (org.). **Profissão professor.** 2.ed. Lisboa: Porto Editora, 1995, p.13-34.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 119p.

PESAVENTO, Sandra J.. **História & História Cultural.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003, 130p.

_____. O mundo da imagem: território da história cultural. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008, p.99-122.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008, 296 p.

RIBEIRO, José da Silva. **Antropologia visual: da minúcia do olhar ao olhar distanciado**. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2004, 202p.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008, 222p.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004, 159p.

SILVA, Norma Lucia; FERREIRA, Marieta de Moraes. Os Caminhos da Institucionalização do Ensino Superior de História. **História & Ensino**, Londrina-PR, v.2, n.17, jul./dez., p.283-306, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, 325p.